



## A TERCEIRA CHAVE

# “NÃO A MINHA VONTADE, MAS A TUA”

O despertar de nosso chacra laríngeo é o alvorecer de nossa criatividade. Quando começamos a usar a criatividade, devemos sentir e exercer a força de vontade como parte do ato de criação. O desejo de ser um criador bem-sucedido ou manifestador nos motiva a começar a acessar o poder da mente universal – a fonte do poder criativo. Dessa forma, devemos começar por abrir-nos ao Eu maior, em nossos esforços para alcançar as alturas da capacidade de criar. Ao abrir-nos, estaremos realmente nos tornando co-criadores com a mente universal. Frequentemente essa união se torna uma atividade completamente consciente. Esse nível de tornar-se um artista da vida é o começo de uma ascensão.

Há um nível muito mais profundo de despertar que envolve trazer a kundalini, a energia da ascensão, até a garganta. Quando usamos essa chave aqui, ela produz o efeito de despertar-nos uma consciência clara de existência além do





peçoal. Podemos sentir uma sensação de nossa irmandade com a humanidade e nossa criatividade é dirigida para expandir essa boa vontade para todos. Estamos começando a fundir-nos com o Divino. Embora seja no chacra cardíaco que sentimos primeiro a presença do Divino, é na abertura do portal para o chacra laríngeo que a energia do coração começa a ligar-se com a mente universal. Descobrimos que queremos servir mais – tanto ao Divino quanto à humanidade.

A chave para esse portal entre o chacra cardíaco e o chacra laríngeo, ‘Não a minha vontade, mas a Tua’, relaciona-se ao nosso uso da vontade – nossa vontade autônoma – e também a como nossa vontade se interliga com a vontade divina. ‘Não a minha vontade, mas a Tua’ foram as palavras que consta terem sido proferidas por Jesus quando orava no jardim do Getsêmani, na noite antes da crucificação. Ele estava no jardim orando para obter orientação e informação, e recebeu a divina comunicação de que devia render-se aos acontecimentos que estavam prestes a ocorrer. Essa foi a sua resposta, sua forma de verbalizar a submissão à vontade divina.

## **VONTADE**

O que então é a vontade? E o que significa ter uma vontade autônoma, separada da vontade divina?

Vontade é ‘atenção supercarregada’, uma força que é focalizada e dirigida para algum propósito. Vamos ver o que quero dizer por atenção supercarregada. Essa é uma força muito poderosa e misteriosa. É a presença da mente universal. A mente universal é a força mais poderosa que existe. De fato, é a única força que verdadeiramente existe. Todos os outros





*“Não a Minha Vontade, Mas a Tua”*

poderes e forças são a manifestação dessa presença da mente universal, ou aquilo que chamamos de ‘vontade’.

Por que descrevê-la como supercarregada? É supercarregada porque é não-dividida, e atenção não-dividida tem o máximo de poder. Quando falamos sobre atenção não-dividida, geralmente queremos dizer que seu foco em nós não é distraído para nada mais. Mas quando dizemos que ela é não-dividida, em um contexto mais universal, isso significa que é não-dual – não dividida em dois. Seu poder, então, não é diluído como resultado de ser dividido nas polaridades negativa e positiva. Seu poder não estaria partido em dois pela dualidade, minado particularmente pelo lado negativo dela.

Assim, o que vemos aqui é que o poder da vontade, associado com a mente universal, jaz em seu estado não-dual. Nas dimensões mais elevadas, onde as frequências vibram à alta velocidade, quase não há dualidade. Então, quanto mais unificada a atenção, mais rápida a vibração e mais poderoso é o efeito que tem o foco da atenção. É supercarregada por sua própria unidirecionalidade ou mente única.

Atenção é algo que todos temos. É a forma como focalizamos nossa própria energia em intenção e motivação. Para nós, em nosso estado separado e autônomo, é a força que descobrimos ter, a força interior ou poder interior que usamos para controlar as circunstâncias de nossas vidas, quer para manifestar nossos desejos como para reduzi-los.

Da perspectiva de nosso estado limitado, a atenção parece ser naturalmente construída em nossa mente e nossa consciência. Ela se manifesta na vida como determinação, perseverança e a capacidade de transcender a adversidade. É o poder que temos para manter tudo junto em nossas vidas, da forma que desejamos. Quando ela se manifesta em nossa





consciência ‘separada’, nós a sentimos como nossa capacidade inata de fazer as coisas acontecerem.

Mas quando exploramos a verdadeira natureza da vontade, é óbvio que a vontade descrita acima pertence à mente universal como sua própria força e que o poder que sentimos como nosso está de fato sendo ‘emprestado’ a nós pela presença da mente universal. Aquilo que chamamos de ‘nossa atenção’ é realmente a manifestação da atenção divina, universal.

Então, como a nossa vontade pode ser diferente da vontade divina? Como discutimos antes, em essência não é. O poder energético da vontade separada é, de fato, a presença da divina vontade agindo em e através de nós. A diferença jaz em nossa perspectiva daquilo que Deus é.

Da nossa perspectiva, enquanto em um estado de separação e autonomia do todo, sentimos que essa presença da vontade que está em nós é nossa. Não reconhecemos de onde ela vem porque mantemos uma crença básica subjacente fundamental, em nossa mente egóica, sobre nossa separação de Deus. No fundo, mantemos a crença de que somos separados de Deus. Essa crença tem muito a ver com a forma pela qual fomos ensinados a ver aquele que chamamos de Deus.

Em nosso inconsciente existe uma percepção de Deus, que é um ser de cuja imagem fomos feitos, mas que está fora de nós e, portanto, separado de nós. Não vemos que estamos energeticamente ligados a Deus. Também não vemos que na criação há uma só presença de energia, expressando-se nos muitos tons vibratórios da criação, e que tudo está completamente interligado com essa única presença de energia através de tudo que existe. Não vemos isso porque, enquanto vivemos em um ego, estamos experienciando um programa interior que nos diz que estamos separados





*“Não a Minha Vontade, Mas a Tua”*

de tudo o mais. Recebemos uma vontade autônoma nossa – algo a que chamamos de livre arbítrio – para fazer com ela o que quisermos. Supostamente, contudo, como nossa vontade é usada para preencher os planos para nossa vida, ela entra freqüentemente em conflito com o plano mantido pela vontade divina. Então há um impedimento de nosso plano e o esmagamento de nossas esperanças e sonhos por circunstâncias externas e imprevistas.

Embora recebamos a força da divina vontade através de nós, em virtude de nossa consciência existir em dualidade, essa força de atenção não é, normalmente, não-dual – embora passa sê-lo, às vezes, quando estamos realmente na mente única. Ao contrário, ela é mais freqüentemente mantida em dualidade e assim seu poder é muito enfraquecido, cortado ao meio pelo lado negativo de nosso estado dualístico – algo que percebemos ser uma força externa opondo-se a nossos desejos. Contudo, ela permanece a mesma força que mantém o cosmos no lugar, embora adulterada.

A força não-dual da atenção, que é mente universal, passa através de nós disfarçada em nossa própria vontade. Ela se torna distorcida pelo estado de dualidade no qual vivemos aqui neste mundo. Ela se polariza e perde muito do seu poder, por causa do lado negativo da polaridade. Essa perda de poder como resultado da dualidade nos faz experimentar o que chamamos de falha de nosso plano e é um dos meios pelos quais somos levados, finalmente, a render-nos à vontade divina.

## **ENTREGA**

Há outros meios pelos quais nossa vontade se torna distorcida.





### *A Terceira Chave*

Tendemos a fazer essa vontade universal passar através de nossos padrões de desejo mundano. Desejos que são mantidos em nossa pequena mente egóica não são geralmente desejos que sirvam ao propósito geral da nossa alma para nossas vidas. Quando somos capazes de acessar a atenção supercarregada, ela se torna uma força que necessitamos usar impecavelmente, o que significa usá-la em alinhamento com o propósito geral de nossa alma. Muitos seres humanos, achando que estão no comando de suas próprias vidas, não estão cientes do propósito maior da alma e tendem a cair em escolhas que são, na maioria, pequenas e servindo a eles mesmos. Tentam usar a força de vontade, freqüentemente, em propósitos triviais e distraidores, para satisfazer as tentações e conceitos da mente limitada. Isso reduz grandemente sua força de vontade. Há uma culpa inata que acontece por ser autônomo e agradecer a si mesmo, e essa culpa dilui a força de vontade.

Ao utilizarmos essa força de vontade para conseguir as coisas que pensamos necessitar, mas que têm muito pouco valor para os propósitos da alma, estaremos usando e abusando do poder da vontade. Em outras palavras, a vontade pode agir dentro do padrão humano egóico como uma fonte de poder pessoal para o limitado propósito do ego, ou pode ser usada no serviço às mais altas aspirações da alma, em sua jornada em direção à clara luz da sabedoria cósmica.

Quando olhamos para essa terceira chave, vemos que abandonar os velhos meios de usar a vontade é um aspecto importante e significativo da ascensão em direção à reunião com nosso Eu. Isso traz a vontade separada ao alinhamento com a vontade divina.

Entrega, em termos espirituais, é a entrega do ego separado – aquela parte de nós que acredita ser ela própria





*“Não a Minha Vontade, Mas a Tua”*

separada do Divino. A crença em nossa identidade separada, autônoma, é parte e parcela do viver na terceira dimensão. Nessa dimensão, o livre-arbítrio é nosso direito dado por Deus. É o nosso livre-arbítrio e liberdade de escolha – que temos neste mundo – que também nos permitem ser tão egoístas e triviais quanto quisermos. Não há certo e errado nisso. Não é um julgamento, mas é simplesmente uma escolha individual e, na terceira dimensão, todos têm o direito de escolha.

Ainda assim, se desejamos ascender, devemos considerar longa e arduamente o que essa liberdade de escolha e o que nosso livre-arbítrio realmente significam. Uma primeira olhada revela que, em vista da verdade da não-separação entre nós e a mente universal, nossa autonomia é apenas uma idéia mantida na mente limitada. Ela não existe realmente. Ou melhor, não estaremos entregando nada senão a idéia de nosso livre-arbítrio – uma vez que não há tal coisa chamada de estado separado. O estado separado é parte da aparência no mundo fenomênico. Na realidade, não pode haver nenhuma ‘minha vontade’.

Então, como se manifesta nosso livre-arbítrio? É um truque, magia, para parecer como se nós realmente fôssemos autônomos e como se a vontade fosse nossa, quando de fato estamos realmente tomando emprestada a vontade divina e passando-a através da programação tridimensional. Esse é o programa do livre-arbítrio, dado como parte do desenho da planta da terceira dimensão.

Então, o que estamos realmente entregando é o programa de nosso estado separado, autônomo – as idéias ilusórias de separação e de vontade separada. Quando fazemos isso, entregamos nosso direito de brincar de ser Deus, ficando no comando. E desistimos dessa idéia enganosa em favor de nos tornarmos realmente um com a vontade divina.





Quando fizermos a entrega, mesmo se agora entendermos que não somos o ego, devemos falar a partir do ego e por ele, para dissolver o programa. Então dizemos: “Não a minha vontade, mas a Tua”.

Usando essa chave para o chacra laríngeo, começamos a perceber que não somos indivíduos limitados, vivendo vidas egoístas, pensando apenas em nosso bem-estar. Tornamo-nos mais disponíveis para nosso Eu maior e, com o tempo, livramo-nos de qualquer foco pesadamente personalizado. Devemos permitir um crescimento em direção à visão de nossa irmandade com outros, tornando-nos mais universais na visão e abordagem da vida.



## **UM PROCESSO**

O processo de usar essa chave começa como uma idéia mental, em que você diz ao Espírito: “Sim, desejo liberar isso”. A escolha de deixar ir seu livre-arbítrio, a qualquer momento dado, é também a escolha de renunciar à separação. E é também a escolha de perceber que realmente não há tal coisa chamada de livre-arbítrio, que está ligada à noção errônea de que somos seres separados, autônomos. Contudo, à medida que contemplar essa escolha, seu ego sentirá uma sensação de perda de sua liberdade e talvez empaque a essa idéia.

O seguinte exercício é chamado de ‘a técnica do quadrado’ e é explicado mais amplamente em ‘O Casamento do Espírito - Vivendo Iluminado no Mundo de Hoje’. Esse quadrado, em especial, o ajudará a liberar quaisquer aspectos egóicos inconscientes que o impeçam de acessar a vontade divina. Escreva uma lista de todos os pensamentos e emoções







*“Não a Minha Vontade, Mas a Tua”*

que vêm à sua mente sob cada um destes quatro títulos:

- Por que você deseja ter livre-arbítrio?
- Por que você teme ter livre-arbítrio?
- Por que você deseja renunciar ao livre-arbítrio?
- Por que você teme renunciar ao livre-arbítrio?

Quando terminar, deixe tudo partir. Faça um oferecimento das listas ao Espírito e peça para ficar livre de toda limitação egóica e desequilíbrio no uso de sua vontade.



### **UMA PRECE**

Oh, Eternidade, ofereço meus desejos egóicos e temores de ter livre-arbítrio e de entregar meu livre-arbítrio. Por favor, leve-me ao equilíbrio e mostre-me o verdadeiro significado das palavras de Jesus: “Não a minha vontade, mas a Tua”.



### **UMA MEDITAÇÃO**

Sente-se confortavelmente e faça várias respirações profundas, completas, relaxantes. Agora, faça outra respiração profunda, preenchendo completamente os pulmões. Com seus pulmões cheios e expandidos, suave mas firmemente empurre para baixo, na área do seu diafragma. Então exale completamente, sentindo aquela área suavizar-se e liberar. Tente isto mais uma ou duas vezes para relaxar o corpo e respirar plenamente. Agora visualize e focalize sua atenção no núcleo de luz sutil de alto a baixo da linha média do corpo, permitindo que sua atenção se mantenha gentilmente naquela refulgência. Depois





### *A Terceira Chave*

de alguns momentos, convide sua consciência a tornar-se relaxada e passiva. Libere e entregue-se para experimentar a presença da vontade divina. Permita que aquela presença seja o recipiente que segure sua consciência. Continue a meditar até sentir que terminou. Use essa como uma oportunidade para deixar a vontade divina ditar ambas – a experiência e a duração da meditação.

